

A vida é um jogo

A vida é um jogo. “Tens de aprender as regras do jogo. E, depois, tens de jogar melhor do que qualquer outra pessoa.”, afirmava Albert Einstein. De facto, todos nos defrontamos no mesmo campeonato, o que nos distingue é a determinação e bravura com que nos dirigimos até à final.

O desporto é a derradeira expressão do corpo; é uma civilização selvagem; é a vocalização dos nossos instintos mais primitivos aliada à racionalidade inerente ao ser humano. A disciplina mental de mãos dadas com a disciplina física, a potencialização daquilo que nos define. O desporto é o fogo da querença e a faísca do empenho. Queimam-se as inseguranças e limpam-se as cinzas das escusas, num incessante incêndio de bravura.

Como é sabido, existem desportos individuais e desportos coletivos. Considero que ao longo da vida vamos fazendo opções e construindo a nossa arte de jogar. Os desportos coletivos têm um relevante papel na função social do desporto, visto que praticando este tipo de modalidades é-nos permitido conhecer novas pessoas e dar-nos a conhecer, representado-mo-nos através do nosso estilo de jogo. Aliás, a forma como jogamos representa fielmente aquilo que somos enquanto indivíduos.

O que é um campeão? Será um campeão aquele que joga de acordo com as regras ou aquele que efetivamente vence o jogo? Na minha opinião, campeão é alguém que se levanta da exaustão e pisa a aparente derrota, não tendo como único objetivo a vitória, mas também a segurança de que foi plenamente autêntico em campo.

A vida pode talhar-nos como suplente ou como estrela da equipa. Um bom atleta tem uma mente forte, uma mente que não deixa o corpo desistir, uma mente que desafia os limites e dilacera as barreiras do temor. Não se deve almejar pelo estrelato; a galáxia dos famosos tem acesso restrito e nem sempre quem lá reside são as estrelas mais preciosas, por vezes juntam-se meramente as mais brilhantes.

Nos dias que correm, os ídolos desportivos têm um papel fulcral não só na inspiração e motivação para a prática de desporto, como também para a formação dos seus fãs enquanto indivíduos. Pelé declarou que “Todos os miúdos no mundo que jogam futebol querem ser como o Pelé. Por isso, tenho uma grande responsabilidade em mostrar-lhes não só como jogar ser um jogador de futebol, mas como é ser um homem.”. Isto demonstra que não se idolatra somente o estilo de jogo do atleta, mas o todo que representa enquanto alguém a admirar. Um ídolo é alguém que ensina, sendo.

Não nos olvidemos de que é experimentando e fracassando, tentando e falhando, que nos tornamos vencedores. Antes ser um derrotado do que um desistente. Ao menos o derrotado sabe que foi a jogo e que se aguentou firme até ao fim, ao invés do desistente, que é nada mais, nada menos do que um autoderrotado. Um sujeito que perante uma roleta russa resolveu dar um tiro na própria cabeça, não se permitindo sequer aguardar pelo desfecho.

Todos os jogos têm regras. No desporto encontramos um regulamento que dita de que modo deveria decorrer a prática do mesmo. Por outro lado, na vida não podemos considerar que exista propriamente um documento escrito que nos indique como devemos vivê-la, todavia não nos podemos alhear das regras sociais subjacentes à convivência em comunidade a que, com maior ou menor zelo, acabamos por obedecer. Serão estas regras um mapa para o sucesso ou um espartilho que nos impede de respirar a originalidade?

O espírito competitivo é algo inerente à condição humana. Porém, não nos podemos olvidar que quem joga corre o risco de perder. A verdadeira questão prende-se com o tipo de riscos que estamos dispostos a correr. Estaremos nós dispostos a percorrer um deserto de lés a lés, não sabendo se estará lá, de facto, um prémio? Ou estaremos nós encurralados neste túnel pardacento, que somente se ilumina na ideia do vislumbre de vitória?

A jornada até à vitória pode ser conduzida de inúmeras formas. Há quem opte por apanhar o avião do talento, motorizado pela ambição e ladeado pelas asas da sorte e da bonança. Há quem apanhe o autocarro da equipa, inspirando-se nos seus companheiros e fiando-se no motorista. E há ainda quem vá a pé, calçando os sapatos da devoção e envergando o sobretudo da bravura, alumiado pela sede de glória e superação pessoal, transpirando obstáculos, porém jamais abrandando a marcha.

Em suma, a vida é um jogo e está nas nossas mãos jogá-lo de acordo com as regras ou ir improvisando. Independentemente do rumo final, o indispensável é ir a jogo. Não nos deixemos silenciar por vozes medronhas, gritemos em coro com a bravura de quem não vacila. Ora, pois, arrisquemos, ergamo-nos contra a inércia e mexamo-nos para a vida!